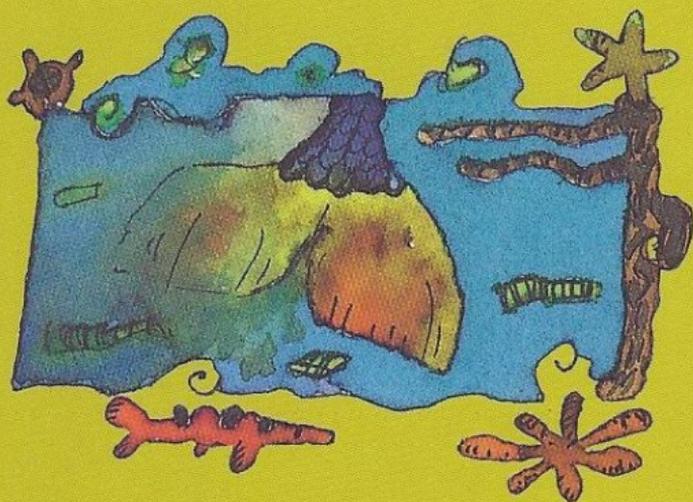


9 8 M A R E S

HANS CHRISTIAN ANDERSEN
A SEREIAZINHA



 LISBOA
EXPO '98

A SEREIAZINHA

HANS CHRISTIAN ANDERSEN
A SEREIAZINHA

Tradução de

RIBEIRO DA FONSECA





Titulo Original
Den Lille Havfrue

1996, Parque EXPO 98, S. A.

A publicação da tradução de *A Sereiazinha* foi gentilmente autorizada pelo Circulo de Leitores.

Ilustração e Design
Luís Filipe Cunha

Tiragem
5000 exemplares

Composição
Fotocompográfica

Seleção de Cor
Grafiseis

Impressão e Acabamento
Printer Portuguesa

Depósito Legal

103 811/96

ISBN

972-8127-58-8

Lisboa, Novembro de 1996

Longe, lá longe no mar alto, a água é tão azul como as pétalas da mais bela centáurea e tão límpida como o vidro mais transparente; mas é profunda, muito profunda, tão profunda que nenhuma âncora jamais lá chegou. Seria preciso colocar inúmeras torres de igreja umas sobre as outras para chegarem do leito do mar até à superfície. Nessas profundezas vivia o povo das águas.

Não se deve pensar, nem por um único momento, que não há nada lá em baixo senão areia branca. Não, a verdade é que crescem aí as mais maravilhosas árvores e

plantas, com caules e folhas tão frágeis e sensíveis que ondulam com o mais leve movimento das águas como criaturas animadas de vida. Toda a espécie de peixes, grandes e pequenos, desliza por entre os ramos, como aves voando pelo ar. No sítio mais profundo, fica o palácio do rei. As paredes são de coral e as compridas janelas pontiagudas são do âmbar mais transparente, enquanto o telhado é feito de conchas de ostras que abrem e fecham com as ondas. É um espectáculo maravilhoso, porque cada ostra tem uma pérola brilhante que seria o orgulho de uma coroa de rainha.

O rei era viúvo há muitos anos e a rainha mãe é que lhe governava a casa. Era uma senhora idosa e muito sensata, embora demasiado orgulhosa da sua posição real, pelo que usava sempre doze ostras na cauda, ao passo que às outras pessoas da realeza só era permitido usar seis. Mas ela merecia um tratamento especial, porque cuidava das princezinhas suas netas.

Eram seis, todas belas, mas a mais nova era a mais bela de todas. A sua pele era como uma pétala de rosa, lisa e sedosa, e os seus olhos eram tão azuis como o lago mais profundo. Mas, tal como as outras, não tinha pés: o seu

corpo terminava numa cauda de peixe. Durante todo o dia, ela e as suas irmãs brincavam no palácio, saindo e entrando das enormes salas, onde cresciam flores marinhas nas paredes. Quando as grandes janelas de âmbar estavam abertas, os peixes entravam e deixavam-nas fazer-lhes festas.

Fora do palácio havia um grande jardim com árvores vermelhas como o fogo e azuis como o mar. Os frutos brilhavam como ouro, e as flores pareciam fogo a arder por entre os caules e as folhas ondulantes. O chão era da areia mais fina, mas azul como uma chama de enxofre. Pairava uma estranha luz azul-violeta por todo o lado, e dir-se-ia que, em vez de se estar nas profundezas do mar, se estava bem alto no ar, rodeado apenas pelo céu. Em dias muito calmos, via-se mesmo o Sol, que parecia uma flor carmesim emitindo raios de luz.

Cada uma das princezinhas tinha uma pequena parcela de jardim que ela própria cultivava como queria. Uma deu ao seu canteiro a forma de uma baleia; outra, a de uma sereia. Mas a mais nova desenhou o seu canteiro em círculo, como o Sol, e as únicas flores que lá plantou eram como pequenos sóis, com o mesmo brilho e a mesma cor.

Era uma criança estranha, calada e pensativa. Enquanto as outras irmãs decoravam os seus canteiros com várias coisas provenientes de navios afundados, o único ornamento que ela escolheu foi uma bela escultura de mármore representando um lindo rapazinho, feita de pedra branca e proveniente também de um naufrágio. Ao lado do rapazinho de mármore plantou uma roseira que parecia um salgueiro-chorão, a qual cresceu rapidamente, até que os seus ramos se curvaram sobre a figura de pedra, tocando na areia azul do fundo.

Nada dava maior prazer à princezinha do que ouvir falar do longínquo mundo dos seres humanos. Pedia à velha avó que lhe contasse tudo o que sabia sobre navios e cidades, pessoas e animais. Achava estranho e maravilhoso que as flores da terra tivessem cheiro, porque as do mar não cheiravam a nada.

— Assim que fizerem quinze anos — disse a avó às suas netas — podem ir até à superfície, sentarem-se nas rochas ao luar e verem os grandes navios que passam lá em cima. Se tiverem coragem suficiente, até poderão ver bosques e cidades!

No ano seguinte, a mais velha das irmãs fazia quinze

anos, mas as outras... bem, cada uma tinha um ano a menos do que a outra, de maneira que a mais nova de todas ainda tinha de esperar cinco anos. Mas cada uma prometeu contar às outras o que visse e o que achasse mais surpreendente no mundo dos seres humanos. A avó nunca lhes contava o suficiente e havia muitas coisas que elas queriam saber.

Mas nenhuma das seis tinha um desejo tão grande de saber como era a misteriosa terra lá em cima como a mais nova (precisamente a que tinha de esperar mais tempo), a que era tão pensativa e calada. Muitas noites, ela ficava à janela a olhar para cima, através da água azul-escura onde os peixes agitavam as suas caudas e barbatanas. Conseguia ver a lua e as estrelas; as suas luzes eram muito pálidas, mas, vistas através da água, pareciam muito maiores do que aos nossos olhos. Quando, às vezes, uma espécie de nuvem escura deslizava por baixo delas, a princezinha sabia que era uma baleia ou um navio cheio de seres humanos que ia a passar. Esses seres humanos não podiam imaginar que ali em baixo estava uma linda sereiazinha a estender as mãos para a quilha.

E acabou por chegar a altura em que a princesa mais

velha fez quinze anos e pôde então subir até à superfície. Quando voltou para casa tinha centenas de coisas para contar às outras. Mas do que tinha ela gostado mais? De estar deitada num banco de areia ao luar, quando o mar estava calmo, a olhar para a grande cidade, onde as luzes brilhavam como centenas de estrelas, ouvindo o ruído do tráfego e das pessoas, vendo as torres das igrejas e escutando o repicar dos sinos. E precisamente porque não podia ir à cidade, fora isso o que ela mais tinha desejado fazer.

Oh, com que atenção a irmãzinha mais nova a ouvia! E depois, à noite, quando ficava à janela aberta e olhava lá para cima, através da água azul-escura, pensava na grande cidade e parecia-lhe ouvir o repicar dos sinos a ecoar até ela.

No ano seguinte, foi a vez da segunda irmã ter autorização para subir e nadar até onde quisesse. Alcançou a superfície precisamente quando o Sol estava a desaparecer no horizonte, e foi isso o que lhe pareceu mais belo. O céu era como um fogo dourado, disse ela, e quanto às nuvens... bem, nem conseguia encontrar palavras para descrever como eram belas, em tons carmesim e violeta, a

flutuarem lá no alto. Mas, movendo-se muito mais depressa, um bando de cisnes selvagens tinha voado sobre as ondas em direcção ao Sol poente. Ela também tinha nadado em direcção ao Sol. Mas este afundara-se na água e a claridade tinha desaparecido do mar e do céu.

No ano seguinte, chegou a vez da terceira irmã. Ela era a mais aventureira de todas e nadou por um largo rio que desaguava no mar. Viu colinas verdes cobertas de vinhas; avistou quintas e castelos através das árvores de imensas florestas; ouviu o canto dos pássaros; sentiu o calor do Sol, tão quente que teve de mergulhar várias vezes para refrescar o rosto ardente. Numa pequena baía, viu um grupo de crianças a chapinhar na água, todas nuas; quis brincar com elas, mas as crianças fugiram, assustadas.

A quarta irmã não foi tão ousada. Manteve-se no meio do oceano, bem afastada da costa, e daí, segundo disse, teve a melhor vista possível, de quilómetros e quilómetros em redor. Tinha visto navios, mas tão longe que pareciam gaivotas. Os mansos golfinhos tinham andado às cambalhotas; enormes baleias tinham deitado jactos de água para o ar — era como estar rodeada por centenas de quedas-d'água.

Então chegou a vez da quinta irmã. O seu aniversário era no Inverno, e por isso viu o que as outras não tinham visto na sua primeira visita ao mundo lá de cima. O mar estava completamente verde; por todo o lado flutuavam grandes icebergues, cada um tão belo como uma pérola, disse ela, e no entanto mais altos do que as torres das igrejas construídas pelos homens. Tinham formas estranhas e brilhavam como diamantes. Ela tinha-se sentado num dos maiores, e os marinheiros dos navios que passavam ficaram cheios de terror e afastavam-se, dando largas curvas, para o mais longe possível do icebergue onde ela estava sentada com o seu longo cabelo a esvoaçar ao vento. Nessa noite, o céu tinha ficado escuro e pesado: os relâmpagos iluminaram o céu, os trovões estalaram e as ondas escuras erguiam enormes blocos de gelo pelo ar. Todos os navios enrolaram as velas, e os seres humanos que os tripulavam ficaram cheios de pavor; mas ela continuara calmamente sentada no seu icebergue flutuante, admirando os relâmpagos que zigzagueavam até ao mar brilhante.

Cada uma das irmãs ficara encantada com todas as coisas novas e maravilhosas que vira da primeira vez que

subira até à superfície; mas agora que todas tinham idade suficiente para irem para onde quisessem, esse mundo já não lhes interessava. Depois de passarem algum tempo à superfície, queriam era voltar para casa. O sítio mais belo do mundo era ali, no fundo do mar.

No entanto, muitas noites as cinco irmãs davam os braços e iam juntas até à superfície. Todas elas tinham lindas vozes — não havia voz humana tão bela —, e quando aparecia uma tempestade e elas pensavam que um navio podia estar a afundar-se ou a encalhar, nadavam em frente dele e cantavam, descrevendo as delícias do mundo debaixo do mar, para que os marinheiros não tivessem medo de ir lá parar. Mas os marinheiros nunca compreendiam as canções; pensavam que aquilo que ouviam eram os ruídos da tempestade. Nem conseguiam apreciar nunca o paraíso do fundo do mar, porque quando o navio se afundava eles morriam afogados. Só homens afogados é que chegavam por vezes ao reino das profundezas do mar.

Nessas noites, a mais nova ficava sozinha, a olhar para as irmãs com ar sonhador. Tinha vontade de chorar, mas as sereias não têm lágrimas, o que as faz sentirem-se mais tristes ainda do que se as tivessem.

E por fim fez quinze anos.

— Pronto! Podemos finalmente largar-te! — exclamou a avó, a velha rainha-mãe. — Anda cá para eu te vestir como as tuas irmãs.

E colocou-lhe uma coroa de lírios brancos na cabeça, mas cada pétala era na realidade metade de uma pérola.

— Adeus! — disse a sereiazinha, e flutuou pela água acima, leve como uma bolha.

O Sol tinha acabado de se pôr quando a sua cabeça chegou à superfície, mas havia ainda um brilho rosa e dourado nas nuvens. Lá em cima, no céu rosa-pálido, brilhava a estrela da noite, límpida e radiosa; o ar estava calmo e o mar tranquilo como um espelho. Um grande navio de três mastros estava parado ali perto e só tinha uma vela desfraldada, porque não corria um sopro de vento e os marinheiros não tinham outro remédio senão esperar, sentados no cordame e nas vergas. Ouvia-se música e canções, e à medida que a noite foi ficando mais escura surgiram centenas de lanternas coloridas; parecia que as bandeiras de todas as nações esvoaçavam ao vento.

A sereiazinha nadou até uma vigia. Cada vez que subia na crista de uma onda via através do vidro transparente

um grupo de pessoas com belas roupas — e a mais bela de todas era um jovem príncipe de grandes olhos escuros. Não podia ter muito mais do que dezasseis anos — de facto, era o dia do seu aniversário, e era isso que causava toda aquela excitação a bordo.

Os marinheiros começaram a dançar nos tombadilhos, e quando o príncipe surgiu no meio deles soltaram mais de cem foguetes. A noite ficou clara como o dia, de tal maneira que a sereiazinha se assustou muito e mergulhou imediatamente. Mas depressa tornou a deitar a cabeça de fora, e então pensou que todas as estrelas do céu lhe caíam em cima. Nunca tinha visto fogo-de-artifício. Havia fogo preso, girândolas, rodas que giravam como sóis, foguetes que subiam nos céus como peixes de fogo, e tudo isto se reflectia no mar. No navio havia tanta luz que se distinguia a mais pequena corda e as feições de todos os rostos. Oh, que belo era o príncipe! Ali estava ele, a apertar as mãos aos convidados, um a seguir a outro, rindo e sorrindo, enquanto a música soava na noite.

Estava a fazer-se tarde, mas a sereiazinha não conseguia despregar os olhos do navio e do belo príncipe. As lâmpadas coloridas apagaram-se, os foguetes deixaram de

subir, não se ouviu mais qualquer tiro de canhão. Contudo, lá no fundo do mar vinha um murmúrio e um ruído surdo e prolongado. As ondas começavam a elevar-se; as nuvens agrupavam-se; ao longe, os relâmpagos sulcavam o céu — aproximava-se uma terrível tempestade. Então, a tripulação enrolou a vela, e o grande navio começou a balançar. As ondas erguiam-se como enormes montanhas negras, mais altas do que os próprios mastros; mas o navio afundava-se como um cisne entre as vagas e voltava a aparecer nas elevadas cristas. Para a sereiazinha, tudo aquilo era muito divertido, mas para os marinheiros não tinha graça nenhuma. O navio rangia e estalava; as suas grossas pranchas de madeira cediam sob as grandes pancadas das ondas, o mastro partiu-se ao meio — e então o navio descaiu para um lado, e a água entrou de rompante no porão. Finalmente, a sereiazinha compreendeu que eles estavam em perigo; até ela tinha de ter cuidado com os mastros e pranchas quebrados que rodopiavam na água. Em certas alturas tudo estava escuro como breu, e ela não via nada; depois, quando surgia um relâmpago, ficava tudo tão claro que conseguia ver todas as pessoas a bordo. Pareciam estar a tentar desesperadamente salvar-

-se, mas ela só procurava o jovem príncipe. Precisamente quando o navio se partiu em dois é que ela o viu, a afundar-se, levado para baixo, para as profundezas do mar.

Por um momento sentiu apenas alegria, porque ele ia para o seu país, mas depois lembrou-se de que os seres humanos não conseguiam viver debaixo de água e que só como afogado ele poderia entrar no palácio do seu pai. Não, ele não podia morrer! Então, nadou através das traves que boiavam à deriva e que podiam esmagá-la, embora ela nem sequer pensasse nisso. Depois, mergulhando bem fundo e erguendo-se no alto da crista das ondas, acabou por alcançar o jovem príncipe, que já mal conseguia aguentar-se à tona de água no mar enraivecido. Ele tinha os braços e as pernas demasiado fracos para se mexer, os belos olhos estavam fechados, e certamente que se afogaria se não fosse a sereiazinha. Esta segurou-lhe a cabeça fora da água e deixou que as ondas os fossem levando.

Quando amanheceu, a tempestade tinha terminado, mas nada restava do navio. O Sol ergueu-se no horizonte, como que saindo da água, vermelho e brilhante, parecendo dar um ligeiro toque de vida ao pálido rosto do príncipe, mas os seus olhos continuavam fechados. A sereia bei-

jou-lhe a testa e afagou-lhe o cabelo molhado. Pensou que era muito parecido com a estátua de mármore que tinha no seu jardimzinho e tornou a beijá-lo. Oh, se ao menos ele vivesse!

Nesse momento, viu terra à sua frente, altas montanhas azuladas com os cumes cobertos de neve. Não longe da costa havia lindos bosques verdejantes e, perto deles, uma igreja ou abadia — não sabia como chamar-lhe, mas era um edifício desse género. Tinha laranjeiras e limoeiros no jardim e altas palmeiras de cada lado do portão. O mar formava uma pequena baía, muito calma e sem ondas, mas funda, com falésias a toda a volta, cobertas de fina areia branca. Nadou para a baía com o príncipe e deitou-o na areia, ao calor do Sol, com muito cuidado para que a cabeça dele ficasse bem longe do mar.

Os sinos começaram a repicar no grande edifício branco, e a sereiazinha nadou para fora da baía e escondeu-se atrás de umas rochas que se erguiam fora de água, cobrindo-se com espuma do mar para ninguém reparar nela. Ficou à espreita dali, para ver quem iria salvar o pobre príncipe deitado na areia. Em breve surgiu uma rapariga. Ao ver o corpo semi-afogado, pareceu ficar assustada,

mas só por um momento. Depois foi chamar outras pessoas, e a sereiazinha viu o príncipe recuperar os sentidos e sorrir para todos os que o rodeavam. Mas não se voltou para sorrir para ela, porque, evidentemente, não fazia a mínima ideia de que ela é que o tinha salvo. Ela sentiu-se terrivelmente triste, e quando ele foi levado para dentro do edifício mergulhou desconsoladamente e voltou para o palácio do pai.

A sereiazinha sempre tinha sido calada e pensativa, mas então tornou-se ainda mais. As irmãs perguntavam-lhe o que é que tinha visto na sua primeira viagem, mas ela nada lhes contou.

Em muitas noites e muitas manhãs deslizou lá para cima, para o local onde tinha deixado o príncipe. Viu a fruta amadurecer no jardim e ser apanhada; viu a neve derreter nas altas montanhas — mas nunca viu o príncipe. O seu único conforto era sentar-se no seu jardimzinho, abraçando a bela estátua de mármore tão parecida com o seu príncipe. Mas já não tratava das flores, que se tornaram selvagens, cobrindo os caminhos e enrolando os longos caules e folhas nos ramos das árvores, até ficar tudo à sombra.

Por fim, não aguentou mais e contou a história a uma das suas irmãs; depressa as outras também ficaram a sabê-la — mas ninguém mais, é claro, excepto uma ou duas se-reias, que só a contaram às suas melhores amigas. Uma destas, porém, sabia quem era o jovem príncipe e onde ficava o seu reino.

— Vamos, irmãzinha — disseram as outras princesas.

E então, pondo os braços em cima dos ombros umas das outras, subiram até à superfície e flutuaram numa longa fila mesmo em frente do palácio do príncipe. O palácio era de pedra brilhante e dourada, com grandes degraus de mármore, alguns conduzindo directamente ao mar. No alto do telhado havia magníficas cúpulas douradas e, entre os pilares que rodeavam o edifício, estátuas de mármore que quase pareciam estar vivas. Pelos vidros das altas janelas podiam ver-se esplêndidos salões com preciosas cortinas de seda e tapeçarias. No centro do maior salão havia uma bela fonte com um repuxo que se erguia tão alto como a cúpula de vidro no telhado. Os raios de sol brilhavam através da cúpula e iluminavam a fonte e as lindas plantas que cresciam dentro dela.

Agora que a sereiazinha sabia onde ele vivia, passou a

subir até à superfície e a ficar à espreita noite após noite. Nadava até muito mais perto da costa do que as outras alguma vez se tinham atrevido, e foi mesmo até ao estreito canal por baixo da varanda de mármore que fazia sombra sobre a água. Ficava ali sentada a olhar para o jovem príncipe, que pensava estar completamente sozinho ao luar.

Muitas vezes, de noite, via-o meter-se no seu esplêndido barco, com as bandeiras desfraldadas, enquanto a música tocava. Ela espreitava através dos canais, e quem via um raio prateado pensava que era um cisne a estender as asas. Muitas vezes, mais tarde, quando os pescadores esperavam no mar alto com as suas lanternas, ela ouvia-os falar do jovem príncipe, louvando sempre as suas qualidades, o que a fazia ficar contente por lhe ter salvo a vida quando ele estava quase a morrer sobre as ondas. Mas ele não sabia de nada.

Ela começou a sentir-se cada vez mais próxima dos seres humanos, e desejava imenso ir ter com eles. Havia muitas coisas que queria saber, mas as irmãs não eram capazes de responder às suas perguntas. Então, perguntou à sua avó; ela sabia bastantes coisas sobre o mundo lá de cima, como chamava às terras sobre o mar.

— Se os seres humanos não se afogarem, vivem para sempre? — perguntou a sereiazinha. — Nunca morrem, como nós aqui no mar?

— Oh, sim — respondeu a velha senhora —, eles também morrem e as vidas deles ainda são mais curtas do que as nossas. Nós podemos viver trezentos anos, mas quando chega a nossa altura transformamo-nos em espuma do mar. Mas os seres humanos têm uma alma, que continua a viver depois de o corpo se tornar em pó. Voa para o céu, até às estrelas brilhantes. Tal como nós subimos até à superfície para olhar para o mundo humano, também eles sobem até lugares desconhecidos que nós nunca alcançaremos.

— Pois eu daria as minhas centenas de anos em troca de ser humana, nem que fosse só por um dia, se isso me desse a hipótese de alcançar um lugar nesse mundo celestial... — disse a sereiazinha, muito triste.

— Não deves pensar em coisas dessas! — respondeu a velha senhora. — Nós aqui somos muito mais felizes e temos muito mais sorte do que as pessoas lá de cima.

— Mas não há nada que eu possa fazer para ter uma alma imortal? — perguntou a sereiazinha.

— Não — disse a velha senhora. — Só se um ser humano te amasse tanto que tu significasses mais para ele do que o pai ou a mãe; só se ele gostasse de ti de alma e coração, deixando o padre colocar a sua mão direita na tua e prometendo ser-te fiel para sempre... então poderias compartilhar o destino humano. Mas isso nunca acontecerá. Precisamente aquilo que é tão belo aqui no mar, ou seja, a tua cauda de sereia, é uma coisa que eles acham muito feia lá em cima na terra. Têm um gosto tão esquisito que precisam de ter duas coisas desajeitadas chamadas pernas para serem elegantes.

Isto fez a sereiazinha suspirar e olhar tristemente para a sua cauda de peixe.

— Alegremo-nos! — exclamou a velha senhora. — E aproveitemos os trezentos anos da nossa vida saltando e dançando! É bastante tempo, afinal de contas. Depois, quando acabar, poderemos dormir, o que será benvindo e agradável. Hoje vamos dar um baile na corte!

Era um acontecimento muito mais fantástico do que qualquer um da terra. As paredes e o tecto do grande salão de baile eram de cristal, grosso mas perfeitamente transparente. Tinha várias centenas de enormes conchas,

vermelhas e verdes, em filas de cada lado, cada uma com uma chama azulada, que iluminavam todo o salão e brilhavam através das paredes, dando um brilho de safira ao mar em volta. Peixes sem conta, grandes e pequenos, nadavam em direcção ao vidro, alguns com escamas brilhantes cor de violeta, outros prateados e dourados.

No meio do salão corria um rio largo e rápido, no qual tritões e sereias dançavam ao som maravilhoso do seu próprio canto. Nenhum ser humano tem uma voz tão bela — e o canto mais doce era o da sereiazinha. Quando ela cantava, todos batiam palmas. Por um momento ela sentiu uma grande alegria, porque sabia que tinha a voz mais bonita de todos os que vivem na terra e no mar. Mas não conseguia esquecer o belo príncipe nem o facto de não ter uma alma imortal. Então, escapuliu-se do palácio do pai e foi sentar-se no jardimzinho com os seus tristes pensamentos.

De repente, ecoando pelas águas, ouviu o som de cornetas.

«Ah! Ele deve andar de barco lá em cima», pensou, «aquele que eu amo mais do que o meu pai e a minha mãe, aquele que está sempre no meu pensamento. Para

obter o seu amor e uma alma imortal, eu seria capaz de tudo! Sim, enquanto as minhas irmãs dançam no palácio do nosso pai, vou falar com a velha bruxa do mar. Sempre tive um medo terrível dela, mas pode ser que ela saiba o que devo fazer».

E a sereiazinha saiu do jardim e partiu em direcção aos remoinhos turbulentos para além dos quais vivia a velha feiticeira. Nunca tinha passado por aquele caminho. Não havia flores, nem sequer ervas marinhas. Tudo o que via era apenas areia cinzenta para além dos remoinhos em que a água rodopiava, como se enormes velas de moinho rodassem sem parar, arrastando tudo o que apanhavam para baixo, para as profundezas desconhecidas. Para chegar aos domínios da bruxa dos mares tinha de atravessar essas águas bravias e depois o único caminho era uma longa faixa pantanosa de lama borbulhante: a bruxa chamava-lhe a sua turfeira. Do outro lado ficava a casa dela, nas profundezas de uma floresta misteriosa. As árvores e os arbustos eram pólipos, meias criaturas, meias plantas, e pareciam serpentes com centenas de cabeças a sair da terra. Os ramos eram como longos braços viscosos com dedos semelhantes a vermes ondulantes, que nunca

paravam de se mover. Tudo aquilo em que tocavam ficava enrolado a eles para sempre.

A sereiazinha estava aterrorizada, à beira da terrível floresta. Quase voltou para trás — mas depois pensou no príncipe e na alma humana e lá arranjou coragem. Amarrou o longo cabelo em redor da cabeça, para o manter afastado dos dedos ondulantes, e, juntando as mãos, atirou-se para a frente como um peixe, através da água, serpenteando por entre os horríveis ramos, que tentavam alcançá-la com os seus braços e dedos ondulantes.

Acabou por chegar a uma clareira viscosa na terrível floresta, onde gordas cobras-de-água abanavam as caudas, mostrando as feias barrigas, de um branco-amarelado; a bruxa dos mares chamava-lhes os seus bichinhos de estimação. Mesmo ao centro, tinha sido construída uma casa com os ossos de seres humanos que se tinham afogado em naufrágios, e lá dentro estava a bruxa em pessoa.

— Sei muito bem porque cá vieste — disse a bruxa. — É uma ideia disparatada! No entanto, terás o que queres, porque só te trará sarilhos, minha linda princesa! Queres livrar-te da cauda de peixe e ter dois cotos como os seres

humanos; depois, esperas que o príncipe se apaixone por ti e casem. E, ainda por cima, queres uma alma imortal.

E a bruxa deu uma gargalhada tão forte e tão horrível que as criaturas que se enroscavam à sua volta caíram para todos os lados.

— Vieste no momento preciso — continuou a bruxa. — Amanhã, assim que o Sol nascesse, já não te poderia ajudar senão daqui a um ano. Vou preparar-te uma poção especial, e antes do erguer do Sol tens de nadar com ela para terra e bebê-la. Então, a tua cauda há-de dividir-se em duas e encolher até ficares com aquilo a que os humanos chamam umas lindas pernas. Mas vai-te doer; vai ser como se uma espada afiada te atravessasse. Toda a gente vai dizer que és a rapariguinha mais bonita de todas. Vais andar com mais graciosidade do que qualquer bailarina, mas cada passo será como caminhar sobre uma faca afiada. Se quiseres sofrer isso tudo, eu ajudo-te.

— Sim, quero! — afirmou a sereiazinha.

A voz tremia-lhe, mas manteve o pensamento no príncipe e na possibilidade de alcançar uma alma imortal.

— Mas lembra-te de que, assim que tiveres forma humana, nunca mais podes tornar a ser sereia! — disse-lhe a

bruxa. — Nunca mais podes ir ter com as tuas irmãs ao fundo do mar nem voltar ao palácio do teu pai! E se não conseguires o amor do príncipe de modo a ele esquecer o pai e a mãe por ti e a fazer com que o padre vos una como marido e mulher, não terás a tal alma imortal. Na primeira manhã depois de ele casar com outra, o teu coração quebrar-se-á e tu transformar-te-ás em espuma na água.

— Quero! — disse a sereiazinha.

Estava pálida como a morte.

— Mas eu também quero que pagues, e olha que o pagamento não é pequeno! — acrescentou a bruxa. — Tens a voz mais bela de todas as vozes aqui no mar. Pensas que vais ser capaz de o encantar com ela, mas vais dar-me essa voz a mim! O preço a pagar pela minha bebida preciosa é a melhor coisa que possuis, porque eu vou ter de deitar algum do meu próprio sangue na poção, para a tornar forte como uma espada de dois gumes!

— Mas, se me tiras a voz, com que é que eu fico?

— Com a tua beleza — disse a bruxa —, a graciosidade dos teus movimentos, os teus belos olhos expressivos. Com tudo isso podes facilmente apanhar um coração hu-

mano. Então, perdeste a coragem? Deita lá a língua de fora: vou cortá-la como pagamento, e terás a bebida mágica.

— Bem, se tem de ser... — respondeu a sereiazinha.

E a bruxa pôs o caldeirão ao lume para preparar a poção.

— A limpeza é uma boa coisa... — comentou, limpando o caldeirão com um molho de serpentes.

Depois, arranhou o peito e deixou cair umas gotas de sangue negro na panela. O vapor começou a subir com feitios estranhos, mais do que suficientes para encher qualquer pessoa de susto e pavor. A bruxa deitou vários ingredientes no caldeirão, e quando aquilo tudo começou realmente a ferver fazia um som que parecia o choro de um crocodilo. Por fim, a bebida ficou pronta — e parecia água da mais límpida.

— Ora aqui está! — exclamou a bruxa, e cortou a língua da sereiazinha.

Agora ela não tinha voz; não podia cantar nem falar.

— Se os pólipos te apanharem quando tornares a passar pela floresta — disse a bruxa —, atira-lhes uma gota da poção. Verás!

Mas a sereiazinha não precisou de fazer isso, porque os pólipos se afastaram assustados quando viram a poção a brilhar-lhe na mão como uma estrela. De maneira que atravessou sem demoras o pântano e depois a floresta e os remoinhos.

Viu finalmente o palácio do pai; as luzes estavam apagadas no salão de baile — certamente que estavam todos a dormir. Mas ela não se atreveu a ir ver, porque estava muda e prestes a deixá-los para sempre. Parecia que o coração se lhe partia de desgosto. Foi pé ante pé até ao jardim, arrancou uma flor do canteiro de cada irmã, atirou mil beijos em direcção ao palácio e começou a subir pelo mar azul-escuro.

O Sol ainda não se tinha erguido quando chegou ao pé do palácio do príncipe e se dirigiu aos esplêndidos degraus de pedra. A lua brilhava, muito clara. A sereiazinha, então, bebeu a poção mágica. Uma espada de dois gumes pareceu atravessar-lhe o corpo delicado; desmaiou e ficou ali deitada como morta.

Quando o Sol se levantou, brilhante, do outro lado do mar, acordou, e a dor aguda voltou, mas ali, diante dela, estava o príncipe. Os seus olhos negros fitavam-na com tal

intensidade que ela baixou os seus — e então viu que a sua cauda de peixe tinha desaparecido e que, em vez dela, tinha as pernas mais brancas e mais bonitas que uma rapariga poderia desejar. Mas estava nua, e cobriu-se com o seu longo cabelo. O príncipe perguntou-lhe quem era e como tinha chegado até ali, mas ela só conseguia olhá-lo docemente com os seus tristes olhos de um azul-profundo, porque é claro que não podia falar. Então, ele pegou-lhe na mão e levou-a para o palácio. Cada passo que ela dava fazia-a sentir como se andasse sobre pontas de espadas, tal e qual como a bruxa a tinha avisado — mas ela suportou tudo alegremente. Segurando na mão do príncipe, caminhou, leve como o ar, e o príncipe e todos os que a viram ficaram maravilhados com o seu andar gracioso e deslizante.

Deram-lhe finas roupas, da mais bela seda e musselina. Todos concordaram que era a rapariga mais linda do palácio. Mas era muda; não podia cantar nem falar. Belas escravas, vestidas de seda e ouro, vieram cantar para o príncipe e para os seus pais. Uma delas cantava melhor do que as outras, e o príncipe bateu-lhe palmas e sorriu-lhe. Isto entristeceu a sereiazinha, porque sabia que a sua voz era muito mais bonita. Pensou:

— Se ao menos ele soubesse que dei a minha voz para sempre só para estar ao pé dele...

A seguir, outras escravas dançaram graciosamente ao som de uma música excitante, e então a sereiazinha ergueu-se nos bicos dos pés e flutuou pelo chão, dançando como ninguém alguma vez tinha dançado. A cada movimento parecia mais bela, e os seus olhos falavam mais profundamente aos corações do que todos os cantos das escravas.

Toda a corte estava deliciada, e o príncipe mais do que todos; chamou-lhe a sua criancinha enfeitada. Ela continuou a dançar, embora de cada vez que os pés tocavam no chão lhe parecesse que pisava facas afiadas. O príncipe declarou que ela nunca devia deixá-lo, e deram-lhe uma almofada de veludo para dormir junto da porta do seu quarto.

Mandou fazer-lhe um fato de rapaz, para que pudesse andar a cavalo com ele. Cavalgaram pelos bosques perfumados, onde os ramos verdes lhes tocavam nos ombros e as avezinhas chilreavam nas folhas. Ia com o príncipe quando ele subia às altas montanhas, e, embora os seus delicados pés ficassem todos cortados, ela ria e mantinha-

-se a seu lado até verem as nuvens a voar por baixo deles como um bando de pássaros a caminho de terras distantes.

À noite, no palácio do príncipe, quando todos dormiam, ela ia para a escadaria de mármore arrefecer os pés ardentes na água fria do mar, e depois pensava nos que viviam nas profundezas das ondas.

Uma noite, as irmãs vieram até à superfície, de braço dado, a cantar tristemente enquanto nadavam; ela acenou-lhes, e elas reconheceram-na e disseram-lhe como estavam infelizes por sua causa. Depois disso passaram a vir visitá-la todas as noites. Uma vez, a sereiazinha viu à distância a velha avó, ela que não vinha à superfície há muitos anos, juntamente com o rei, usando a sua coroa. Ambos estenderam as mãos na sua direcção, mas não se atreveram a aproximar-se tanto como as irmãs.

Cada dia que passava mais o príncipe gostava dela. Amava-a como se ama uma criança, mas a ideia de a tornar sua rainha nunca lhe passara pela cabeça. Porém, se ela não se tornasse sua mulher nunca ficaria com uma alma imortal, e na manhã em que ele se casasse com outra dissolver-se-ia em espuma no mar.

— Não me amas mais do que tudo? — pareciam dizer os olhos da sereiazinha, quando ele a tomava nos braços e lhe beijava a delicada testa.

— Sim, claro, és a pessoa mais querida para mim — disse o príncipe —, porque tens o coração mais puro. Além disso, fazes-me lembrar uma rapariga que vi uma vez e duvido que volte a ver. Estava num navio que se afundou, e as ondas levaram-me para terra junto de um templo sagrado, cuidado por muitas jovens. A mais nova de todas encontrou-me na praia e salvou-me a vida. Vi-a apenas duas vezes, mas é a única que poderia amar neste mundo, e tu és tão parecida com ela que quase ocupas o seu lugar no meu coração. Mas ela pertence ao templo sagrado, e eu tive muita sorte em me teres sido enviada. Nunca nos separaremos.

«Ah! Ele não sabe que fui eu que lhe salvei a vida!», pensou a sereiazinha. «Não sabe que o levei pelas ondas até ao templo do bosque, que esperei na espuma para ver se alguém aparecia para o recolher e que vi a bela rapariga que ele ama mais do que a mim».

A sereia suspirou profundamente — porque não podia chorar.

«Ela pertence ao templo sagrado, disse ele. Nunca virá para este mundo e nunca mais se encontrarão. Eu estou aqui, estou com ele e vejo-o todos os dias. Hei-de cuidar dele, amá-lo e dar a minha vida por ele!».

Mas começou a surgir o rumor de que o príncipe ia casar com a bela filha do rei do país vizinho, pelo que estava a preparar um magnífico navio.

— O príncipe vai viajar para visitar o reino vizinho — diziam as pessoas. — Mas na verdade vai é visitar a filha do rei.

A sereiazinha abanava a cabeça e ria; conhecia melhor os pensamentos do príncipe do que qualquer outra pessoa.

— Sou obrigado a fazer esta viagem — disse-lhe ele. — Tenho de conhecer a princesa porque a minha mãe e o meu pai insistem, mas não podem obrigar-me a trazê-la para casa como noiva. Não posso amar uma estranha! Não me fará lembrar a jovem do templo. A minha escolha seriam tu, minha querida enfeitadinha com olhos que falam.

E beijou-lhe os lábios rosados.

— Não tens medo do mar, minha menina silenciosa! —

disse ele, no esplêndido navio que havia de o levar às terras do rei vizinho.

E falou-lhe de tempestades e calmarias, de estranhos peixes das profundezas e das maravilhas que os mergulhadores lá tinham visto. Ela sorria ao ouvir as suas histórias, porque, evidentemente, sabia muito mais sobre o mundo das profundezas do mar do que qualquer outra pessoa.

Numa noite de luar, quando todos menos o homem do leme dormiam, ela sentou-se na amurada, olhando para a água calma. Pensou que conseguia distinguir o palácio do pai, com a velha avó na torre mais alta, com a sua coroa de prata, a espreitar para cima, em direção ao navio. Depois, as irmãs vieram até à superfície e olharam para ela com os olhos muito tristes e a torcerem as mãozinhas brancas. Ela acenou-lhes e sorriu e quis dizer-lhes que tudo estava a correr bem, mas, nessa altura, surgiu um grumete e as irmãs mergulharam.

Na manhã seguinte, o navio entrou no porto da bela cidade do rei vizinho. Todos os sinos das igrejas tocavam, trombetas soavam do alto das torres, enquanto os soldados se exibiam em parada com bandeiras e brilhantes

baionetas. Todos os dias havia festas, e assim que acabava um baile ou uma festa começava logo outra — mas a princesa não estava lá. Estava a ser educada num templo sagrado, diziam, aprendendo a sabedoria necessária ao seu papel real. Por fim, ela chegou.

A sereiazinha esperava, impaciente por ver a sua beleza, e teve de admitir que seria difícil encontrar um ser humano mais encantador. Tinha uma pele delicada e pura, e sob as longas pestanas sorriam uns olhos azul-escuros.

— És tu! — exclamou o príncipe. — Foste tu que me salvaste quando eu estava quase morto na praia! — E tomou a corada princesa nos braços. — Oh, como estou feliz! — disse ele para a sereiazinha. — O meu maior desejo, maior do que me atrevia a esperar, realizou-se! Sei que compartilharás a minha felicidade, porque ninguém gosta mais de mim do que tu!

A sereiazinha beijou-o na cabeça, embora sentisse o coração a estalar de dor. A manhã do seu casamento iria trazer-lhe a morte e transformá-la num rasto de espuma sobre o mar.

Todos os sinos repicaram; arautos percorreram as ruas

para anunciar a notícia. Em todos os altares se queimaram óleos perfumados em preciosas lamparinas de prata. Os sacerdotes agitaram vasos de incenso; a noiva e o noivo uniram as mãos e receberam a bênção do bispo. A sereiazinha, vestida de seda e ouro, segurava a cauda da noiva, mas não ouvia a música festiva nem via a cerimónia sagrada. Era o seu último dia de vida no mundo e pensava em tudo o que tinha perdido.

Nessa noite, os noivos foram para o navio. Tinha sido armada uma tenda dourada e púrpura no tombadilho principal, com almofadas e cortinados de seda, onde dormiriam nessa calma noite, fresca e agradável.

As velas enfunaram-se com a brisa, e o navio dirigiu-se veloz e suavemente para o mar brilhante.

Quando a escuridão chegou, acenderam-se lanternas de todas as cores, e os marinheiros dançaram alegremente. A sereiazinha lembrou-se da primeira vez que tinha vindo à superfície e tinha visto uma cena igualmente alegre. E agora também se juntou à dança, deslizando com toda a leveza e curvando-se como uma andorinha a fugir de um perseguidor. Ouvia os murmúrios de admiração e os aplausos, porque nunca antes tinha dançado tão bem.

Parecia que facas afiadas lhe cortavam os pés, mas ela mal os sentia, tão grande era a dor no coração. Não conseguia esquecer que era a última noite em que veria aquele por quem tinha deixado a casa e a família, por quem tinha dado a sua bela voz e por quem sofrera dia após dia tormentos sem fim, tudo sem ele saber de nada. Esperava-a uma noite eterna.

Por fim, já bem depois da meia-noite, os festejos terminaram. O príncipe beijou a sua linda noiva e ambos se dirigiram para a tenda real.

O navio ficou silencioso; só o homem do leme se mantinha acordado. A sereiazinha encostou os seus braços brancos à amurada e olhou para Leste, à espera da madrugada. Ela sabia que o primeiro raio de sol significaria o seu fim. De repente, viu as irmãs erguendo-se do mar. Estavam tão terrivelmente pálidas como ela e os seus longos cabelos já não ondulavam com a brisa — tinham sido cortados.

— Demos os nossos cabelos à bruxa para ela nos ajudar, para que nos desse qualquer coisa que te salvasse de morreres ao amanhecer. E ela deu-nos uma faca. Olha! Vê como é afiada! Antes de o Sol se levantar tens de a espe-

tar no coração do príncipe; quando o sangue dele te salpicar os pés, eles juntar-se-ão numa cauda de peixe e voltarás a ser uma sereia, tal como eras dantes. Poderás juntar-te a nós nas profundezas e viver os teus trezentos anos antes de te dissolveres em espuma salgada. Depressa! Tu ou ele têm de morrer antes que surja o primeiro raio de sol! A nossa velha avó está tão triste que o cabelo lhe caiu, como caiu o nosso com as tesouras da bruxa. Mata o príncipe e volta para junto de nós! Depressa! Estás a ver aquela mancha avermelhada no céu? Daqui a uns minutos levanta-se o Sol e tu desapareces.

Com um estranho e profundo suspiro, afundaram-se nas ondas.

A sereiazinha afastou o cortinado púrpura da entrada da tenda onde o príncipe e a princesa dormiam; olhou para o céu, onde o avermelhado da madrugada começava a brilhar, olhou para a faca afiada e tornou a olhar para o príncipe. A faca tremia-lhe na mão — e acabou por atirá-la para longe, para o mar. As ondas ficaram vermelhas quando ela as atingiu, como se salpicos de sangue saltassem da água. Mais uma vez a sereiazinha olhou para o príncipe, com os olhos embaciados pela morte; depois,

atirou-se para o mar, onde sentiu o corpo dissolver-se em espuma.

E então o Sol ergueu-se do oceano e os seus raios quentes tombaram docemente sobre a espuma. A sereiazinha não se sentia morta. Viu o Sol brilhar e também, flutuando acima dela, centenas de belas criaturas transparentes. Através delas, via as velas brancas do navio e as nuvens rosadas no céu. As vozes das criaturas pareciam música, mas de uma espécie tão etérea que os ouvidos humanos não conseguiam ouvi-la, tal como os olhos humanos não as viam. Sem asas, flutuavam no ar, levadas pela sua própria leveza. E então a sereiazinha viu que se tinha tornado igual a elas e se erguia cada vez mais alto acima das ondas.

— Aonde vou? — perguntou ela, e a sua voz também soava como a dos outros seres, tão etérea que não havia música terrena que a igualasse.

— Vens juntar-te a nós, espíritos do ar — responderam-lhe. — Não precisamos do amor de um ser humano para nos tornarmos imortais. Voamos para países quentes, onde o bafo da peste leva a morte aos humanos; mas nós levamos-lhes brisas frescas, para os aliviar e curar. Quan-

do tivermos tentado fazer todo o bem possível, durante trezentos anos, conseguimos uma alma imortal e a felicidade eterna. Também tu, pobre sereiazinha, tens tentado de todo o coração fazer o bem; sofreste e suportaste muita coisa e ergueste-te ao mais alto mundo dos espíritos do ar. Agora também podes obter uma alma imortal.

A sereiazinha levantou os braços em direcção ao Sol sagrado. No navio tinha recomeçado a azáfama da manhã. Viu o príncipe com a sua linda noiva; andavam à procura dela, olhando tristemente para as ondas agitadas. Ela sorriu ao príncipe e então, com os outros filhos do ar, subiu para a nuvem rosada que flutuava no céu.

— Assim, quando terminarem os trezentos anos, subirei para o reino dos céus!

— Talvez até mais cedo — sussurrou um deles. — Sem nos verem, deslizamos para dentro de casas de seres humanos onde há crianças, e sempre que encontramos uma criança boa, uma que torna os pais felizes e merece o seu amor, Deus encurta o nosso tempo de experiência. A criança nunca sabe quando voamos pelo seu

quarto; se a sua bondade nos faz sorrir de prazer, é-nos tirado um ano aos trezentos, mas se encontramos uma criança realmente má, então temos de chorar lágrimas de pena, e cada lágrima acrescenta um dia à nossa espera.

HANS CHRISTIAN ANDERSEN A SEREIAZINHA

— Mas não há nada que eu possa fazer para ter
uma alma imortal? — perguntou a sereiazinha.

23

Apoio:



Patrocinados:

